

É pau, é pedra é sol, é noite é Tom Jobim

Tom pediu um uísque pra mim. E amarão torrado. Gerard Leclery, Nelson Pereira dos Santos, Carlinhos Oliveira, Miguel Calmon, todos me olhavam curiosos. Realmente, entrevista, ali, não tinha nada que ver. Tom compreendeu o que se passava comigo e brincou:

— Vou fazer charme pra Raja Gabaglia. Assim ela esquece essa tábua.

E seguindo o gesto à palavra, pegou o violão, caído na cadeira do lado, e dedilhou. No nariz, colocou os mini-óculos de ouro. Me olhou. E começou a cantar seu último poema em forma de música.

— É pau, é pedra, é o fim do caminho. É um resto de toco, é um pouco sózinhos. É um caco de vidro, é a vida, é o sol, é a noite, é a morte, é o laço, é o anzol, é peroba do campo, é o nó da madeira...

Por causa dessa música e do Tom que eu estava começando a descobrir, três dias depois, apelei pra Teresa, a da praia, o amor, a mulher. Ela riu. E me prometeu mais um papo. No dia seguinte eu chegava na casa de Tom. Enquanto esperava por ele na varanda coberta de plantas, lembrei de mais versos seus: "é o mistério profundo, é o queira ou não queira... é o fim do caminho, é um pouco sózinhos."

Tom apareceu. A mesma calça bege. O mesmo rosto manso. Ele sorri. Eu também. Tom Jobim não se entrevista. Se cuve e se sente.

Pouco depois estamos na sala com Dori Caymmi. Desisti da entrevista nos moldes acadêmicos. Vou passar mais algumas horas com o Tom. Vou observá-lo, ouvi-lo, captar tudo o que puder do homem e do artista. O resto a respeito dele está aí, nas numerosas bibliografias, e sobretudo nas 200 músicas que compôs.

Sento num sofá. Tom pede um café pra mim. Está preocupado que eu faça entrevista, que não me prejudique. Apesar do esforço que percebo que ele está fazendo, sinto que Tom Jobim está "noutra". Sabe aquela de Aquarius, cem anos além? Tom é manso, é sensível. Já se machucou muito por aí. Hoje não quer explicar nada. Não quer justificar nada. Como Drummond, o que tem a dizer está na sua obra. E ponto. Acho lindinho a delicadeza dele tentando me explicar isso sem me ferir:

— Sabe Marisa, o recolhimento é importante, apesar de eu saber que não se vive sem os meios de comunicação... Mas Tom Jobim é um dos caras que mais produziu. Hoje vivo no mato, leio Guimarães Rosa, Drummond, cominho. Procuro gente onde me sinta à vontade, em segurança. Gente boa, inteligente, de quem não tenha que me defender.

— Marisa, eu cansei do jogo do sim-e-do-não, essa espécie de onda e contra-onda, onde a pessoa fica presa. Hoje não empurro para não ser empurrado. E para que isso aconteça é preciso que tudo cesse, para que a gente se despoje das palavras e dos rótulos.

Ouçõ Tom Jobim muito sério. É muito importante tudo isso que ele diz. No meio da máquina, do consumo, ele preservou um campo de paz. E faz músicas e curte a terra, as plantas, a simplicidade, o amor pelas pessoas. No estágio mais puro. Essa é a "outra" do Tom. O chope gelado no amor da Teresa, o bar, os amigos, "o estilhaço na estrada, o projeto da casa, o corpo na cama, o carro enguiçado... fechando o verão, é a promessa de vida, no teu coração."

O Tom é tímido. Agora que descobriu que falou um pouquinho, sorri sem jeito e me propõe:

— Vou levar você num lugar lindo.

Quero que essa horas de você passe comigo sejam no meio de coisas bonitas.

Não disse nada, mas me comovi. Com Dori, fomos para a casa de Zanini, em São Conrado. Céu estava incrivelmente azul. Na sala de móveis de couro, as janelas de vidro descobriam um absurdo mar azul. Zanini, o rosto curtido de sol, rabo de cavalo grisalho, sentou conosco nas pedras cobertas de flores vermelhas. Ficamos assim muito tempo. Sentindo, só. Cem palavras. Depois, Tom disse, como se falasse sozinho:

— Os homens querem enfeitar as coisas. Mas não conseguem.

Zanini continuou:

— Por que a Natureza é sabia. E se renova.

Dori, deslumbrado, olhava os canteiros de pedrinhas e seixos e o mirante no alto da casa, cortado de redes.

Descemos. E fomos parar numa salinha de música com muitas plantas, um piano de corda e um instrumento musical de índio que se toca com um pauzinho. Tom dedilhou algumas notas no piano. Dori acompanhou-o. Os dois começaram a brincar como duas crianças.

Pouco depois, chega a filha de Lúcio Costa, e um rapaz. Afundados nos sofás de couro, pareciam os donos da casa. Brincando, Tom chama a empregada e diz:

— Minha filha, o patrão aqui quer café com leite pão com manteiga. Pode providenciar, rápido?

Em cinco minutos, o café fumegava na nossa frente e o pão fresco lembrava os lanches da nossa infância. Tom, como um menino, devorava seu pão quando tocava a campainha. Ele vai abrir. E Zanini que saíra e voltava, a mulher, Chico Buarque e Aninha Magalhães, que chegavam da filmagem. Tom vai dizendo:

— Quanta gente. Vão atrapalhar meu lanche. Zanini esteja à vontade.

A gente senta no chão, em volta da mesa. Ri. Fala bobagem. Parece recreio de colégio. Mas é bom. É tudo muito natural, muito simples. Ninguém representa. Ninguém tem medo. Percebi que Tom transmite essa sensação de tranquilidade. Sensível ao extremo, ele tem a obsessão de não ferir, não agredir. Apesar de ser irônico. Ih, demais! Algumas vezes, só meia hora depois compreendi e fui rir das graças dele. É incrível como o maestro tem senso de humor. E como é bonito, o cabelo castanho e liso caindo na testa sobre os olhos amarelos.

Pouco depois, chegam Regina Leclery, uma amiga; mulher do tenista Jean Noel Grinda, e a filhinha de dois anos, uma boneca de olhos azuis e bochechas cor de maçã. A conversa fica surrealista. Mais engraçada ainda. Tom se levanta. Está na hora da análise. Me chama num canto, pede desculpas, jura que volta logo. Eu me surpreendo com tanta delicadeza. Faço ele sair correndo, para não atrasar.

As seis e trinta volta o maestro, mais solto, mais alegre. Preocupado agora com a minha sessão analítica. Por mais que eu explique que vou ter que perdê-la, ele não se conforma. Discutimos até a porta de sua casa. Ele ainda insiste em não levar no seu carro para não perder ao menos o final. Recuso. Me despeço. Não sei o que dizer. Debruço no vidro do Dodge Dart:

— Tom, puxa, como eu gostei de você. Obrigada.

Saí correndo para não ouvir a resposta.

"É pau é pedra, é o fim do caminho, é uma cobra é um pau, é João é José, é um espinho na mão, é um corte de pão, são as águas de março."

Insisti, fiz falinha mole, aleguei desemprego “se”, e consegui de Antonio Carlos Jobim “um papo informal”, no Antonio’s, às 6 da tarde. Cheguei, de prancheta e tudo, e já fiquei meio sem jeito quando dei com o Tom, no meio da patota, tomando sua cervejinha. Calça bege, camisa esporte, cabelo liso cor de melado, caindo no rosto.

Eu devia estar parecendo uma débil mental, pois olhava para o Tom de boca aberta. Na cabeça, um branco. À minha volta, o papo surrealista do Antonio’s no fim da tarde: “sabe, essas folhas das árvores que caem ao mesmo tempo no chão das praças, sem sentido, sem destino, caem, simplesmente?” Assim são as frases soltas no bar do Leblon.



“Hoje vivo no mato, leio Guimarães Rosa, Drummond, componho. Procuro gente onde me sinta à vontade, em segurança”



Sensível ao extremo, preocupado em não agredir ninguém, Tom transmite uma imensa sensação de tranqüilidade